

**Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil**

---

**From the Selected Works of Paulo S. Peres**

---

2014

# A Cordialidade Brasileira: Um Mito em Contradição

Paulo S. Peres, *Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil*



Available at: <https://works.bepress.com/pauloperes/23/>

## A CORDIALIDADE BRASILEIRA: UM MITO EM CONTRADIÇÃO

Paulo Peres

*Pesquisador do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Ciência Política  
UFRGS*

✉ peres.ps@gmail.com

**Resumo:** Neste texto discuto o escopo e os sentidos dados ao conceito de Homem Cordial, com a finalidade de destacar que há duas concepções em conflito atualmente acerca da cordialidade brasileira. De um lado, a visão não-acadêmica percebe a cordialidade como a expressão apenas de sentimentos afáveis e, como tal, consistindo numa característica positiva do povo brasileiro. De outro lado, a visão acadêmica concebe a cordialidade como a expressão de sentimentos tanto afáveis como agressivos, sendo ambos negativos para o desenvolvimento político brasileiro, uma vez que resultam na indistinção entre espaços/bens públicos e privados. Em qualquer um dos casos, como procuro concluir, temos a elaboração de uma mitologia que distorce nossa complexidade, sugerindo que seria possível identificar um “tipo brasileiro” homogêneo e que temos um conjunto de excepcionalidades que fazem com que somente aqui existam determinados fenômenos considerados tradicionais ou subdesenvolvidos.

**Palavras-chave:** Homem Cordial; Cordialidade Brasileira; Desenvolvimento Político; Modernização; Cultura Política

**Abstract:** In this paper I discuss the scope and meanings given to the concept of “cordial man”, in order to highlight that there are currently two conceptions conflicted about Brazilian cordiality. On one hand, the non-academic vision perceives cordiality as the only expression of affable feelings and, as such, consisting of a positive feature of the Brazilian people. On the other hand, the academic view conceives of cordiality as the expression of both affable and aggressive feelings, both being negative for the Brazilian political development as it results in lack of distinction between spaces/public and private property. In either case, as I try to conclude we have the development of a mythology that distorts our complexity, suggesting that it would be possible to identify a “Brazilian type” and that we have an homogeneous set of exceptionalities which only here certain phenomena considered traditional or underdeveloped exist.

**Keywords:** Cordial Man; Brazilian Cordiality; Political Development; Modernization; Political Culture

A realização da “Copa das Copas” neste ano reavivou um tema recorrente nas Ciências Sociais do país: a assim chamada cordialidade brasileira. Os números parecem corroborar essa impressão mais ou menos

difusa propagada pelos meios de comunicação – segundo um levantamento realizado pelo Ministério do Turismo, já ao final do campeonato, 83% dos estrangeiros que vieram para assistir aos jogos, dentro e fora dos estádios, afirmaram que a experiência correspondeu ou até mesmo superou suas expectativas; e proporção ainda maior, 95%, disse ter a intenção de retornar ao país. Mais do que isso, de acordo com outro levantamento, realizado pelo Datafolha, 69% dos estrangeiros entrevistados declararam que morariam no Brasil. Além das boas avaliações em relação à segurança, mobilidade urbana, modernidade, ao conforto dos estádios e à operação dos aeroportos, um fator que, sem dúvida, exerceu peso importante e, provavelmente, o mais relevante nessa percepção positiva [83% aprovaram a organização do evento] foi a acolhida que os brasileiros proporcionaram aos visitantes. Os dados sobre isso são eloquentes – a mesma pesquisa do Datafolha apurou que 95% dos estrangeiros consideraram a hospitalidade brasileira ótima ou boa. 95%! Quase uma unanimidade!

Será que, como Sérgio Buarque de Holanda já havia observado há décadas, “(...) a contribuição brasileira para a civilização [é] a cordialidade”? Será que realmente “a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam”, como agora na Copa, “representam um traço definido do caráter brasileiro” e, portanto, “permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal [do período pré-republicano]”?<sup>1</sup> A julgar pelas pesquisas, a percepção dos brasileiros como um povo extremamente hospitaleiro pelos estrangeiros é algo indisputável. Entretanto, poderíamos inferir desses dados que essa “açucarada” hospitalidade é um elemento indelével de nossa “cultura”? Poderíamos inferir que esse traço seria a parte mais visível de algo mais profundo,

---

<sup>1</sup> Trechos extraídos da p. 160 de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

ubíquo e atávico do “caráter brasileiro”, a cordialidade? Em outras palavras, poderíamos concluir que “o brasileiro” é um “tipo cordial”?

Antes de qualquer resposta para tais indagações, é imperioso que tentemos responder uma pergunta primordial: afinal, o que significa ser cordial?

A questão da cordialidade brasileira não surgiu por “geração espontânea” e tampouco das preocupações comezinhas do cotidiano popular. Sua emergência deu-se no ambiente acadêmico dos anos 1920-1950, como um dos subprodutos das reflexões acerca da excepcionalidade da cultura latino-americana. Romancistas, poetas, artistas plásticos, ensaístas, historiadores, filósofos, sociólogos, enfim, intelectuais de diversos naipes, brasileiros e estrangeiros, envolveram-se com o enigma das decorrências culturais da transplantação da civilização europeia para um vasto território tropical, selvagem e inóspito. Desprovidos dos apetrechos burocráticos, logísticos e institucionais de qualquer coisa que minimamente se assemelhasse ao Estado, tornaram-se os exploradores visceralmente dependentes da família, alçada, assim, ao status de principal núcleo social, econômico e político dessa empreitada. Somava-se a isso um elemento antropológico crucial, qual seja, nesse ambiente processou-se intensa miscigenação dos europeus “aventureiros” com povos autóctones, os indígenas, e alóctones, os africanos.

A motivação comum desse debate intelectual era a identificação dos possíveis obstáculos ou vantagens dessa cultura *sui generis* para a modernização dessa região ainda estruturalmente tradicional. No Brasil, suspeitava-se de que o padrão de sociabilidade estabelecido pela sociedade tradicional nos períodos colonial e imperial ter-se-ia cristalizado de tal modo nas representações coletivas e nos modos de ser e agir que mesmo a industrialização e a urbanização que se delineavam desde os anos 1920 e, principalmente, a partir dos anos 1930, talvez não produzissem tão rápida e

drasticamente a passagem da cultura tradicional peculiar que se formou no país para a tão almejada cultura moderna, aquela assentada sobre o individualismo abstrato e universal, considerada indispensável para o desenvolvimento socioeconômico e político – entenda-se por isto a constituição de uma sociedade capitalista e democrática-liberal.

No âmbito dessas preocupações, a cordialidade foi percebida como um resquício da sociedade rural patriarcal, como um modo de sociabilidade essencialmente personalista, afetiva e de intenso contato físico. A cordialidade, desse modo, daria o amálgama às correlatas excepcionalidades latino-americanas e, principalmente, brasileiras, tais como o personalismo, o familismo, o patrimonialismo, o nepotismo e o clientelismo – todos considerados vícios extremamente nocivos à vida pública.

Diante dessa concepção geral, podemos dizer que os debates se desenvolveram de modo a agrupar os pensadores em grupos que divergiram quanto ao escopo e ao sentido do conceito. Quanto ao escopo, houve quem entendesse a cordialidade de forma mais restrita, contemplando-a como a expressão de sentimentos puros positivos, altruístas e, portanto, sociáveis. Por outro lado, houve quem percebesse a cordialidade como a expressão de uma gama mais ampla de sentimentos, manifestos numa dualidade que conteria sentimentos tanto positivos como negativos – egoístas, agressivos e, por vezes, antissociais. Quanto ao sentido, encontramos, por um lado, pensadores que interpretam a cordialidade como uma forma de sociabilidade que criaria obstáculos à modernidade e, por outro, pensadores que a veem como um aspecto favorável de nossa cultura para a construção de uma sociedade moderna sem os vícios da civilização europeia, e, portanto, com maior coesão.

De modo mais ou menos generalizado, o sentido que prevaleceu no debate público travado fora da academia, inclusive o atual, é o que concebe a cordialidade como a expressão apenas de sentimentos positivos, quase

sempre identificados com hospitalidade e ânimo festivo. Até os dicionários consagraram esse significado restrito do termo – no Houaiss, por exemplo, cordial é um adjetivo de dois gêneros cujas acepções remetem à demonstração de afabilidade, de boa vontade para com os outros, de sinceridade, de caloroso contato físico e facilidade para a convergência com pontos de vista alheios. A pessoa cordial está sempre de acordo com todos e com tudo, evita a polêmica, o confronto; contorna as situações de tensão fazendo apelo à aproximação amistosa, quando não a sentimentos quase amorosos<sup>2</sup> e, por vezes, a subserviência. Essa pessoa então é movida por explícitos sentimentos bons e de conagração, inclusive, e talvez até especialmente, com desconhecidos. A amabilidade orienta suas ações e, justamente por isso, o antônimo de cordial é malvado.

Aliás, este foi o sentido atribuído ao termo pelo primeiro intelectual a recorrer à cordialidade para descrever o “caráter brasileiro”, o escritor e poeta santista Ribeiro Couto. Em uma carta endereçada a Alfonso Reyes, embaixador mexicano no Brasil, em março de 1931, Couto pincelou os contornos gerais do que acreditava ser o elemento definidor do caráter latino-americano.<sup>3</sup> Chamando a atenção para a miscigenação, afirmava que “é da fusão do Homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o ‘sentido americano’, latino, a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem cordial”. Aos seus olhos, a junção do egoísmo europeu com a ingenuidade generosa das mulheres primitivas, num vasto território selvagem, semeou aquilo que, ao seu tempo, finalmente brotou: a ‘Família dos Homens Cordiais’. Para ele, somos então “(...)

---

<sup>2</sup> Curiosamente, é possível fazer aqui uma analogia com o trabalho do etologista dinamarquês, Frans de Waal, especializado no estudo do comportamento dos Bonobo, uma espécie do gênero Pan, a dos chimpanzés, cuja sociabilidade e forma de resolução de conflitos é essencialmente erótica. O contato físico caloroso e até a submissão dócil evitam as tensões da vida coletiva e promovem intensa solidariedade no grupo, conforme descrito pelo pesquisador no seu livro *Our Inner Ape* (2005), New York, Riverhead Books. Neste livro, o autor traça os paralelos entre os Bonobo, os chimpanzés comuns, mais agressivos, e os seres humanos.

<sup>3</sup> Uma cópia dessa carta está guardada no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, mais precisamente nos Arquivos Pessoas de Autores Brasileiros, no setor dedicado a Ribeiro Couto. Os trechos aqui citados são dessa carta.

oriundos da aventura peninsular ibérica em terras americanas (...)); e tal aventura foi “alimentada pela rede nupcial de índias bravias e pela sensualidade dócil de negras fáceis (...).”

Bem ao espírito de sua época, Couto reforçava o estereótipo que daria suporte ao mito da brasilidade que se começava a construir desde os anos 1920. Um tanto ambíguo em relação à dicotomia raça/cultura, Couto parece tentado a conjugar as duas coisas em sua breve digressão sobre a cordialidade latino-americana. Sugere que a compreensão do que se formava na América exigia a análise dos efeitos da mistura das culturas e, ao que parece aludir, das “raças”. De certo modo, antecipa a ênfase que Gilberto Freyre daria ao aspecto erótico de nossa formação, em *Casa-Grande e Senzala*, mas não radicalizaria tanto quanto Freyre na crítica às explicações racistas da formação do assim chamado “tipo brasileiro”. Ao seu modo, Couto contribuiria para a sedimentação de uma visão machista, no âmbito do escravagismo e da dominação colonizadora, que concebe em seu imaginário a representação das mulheres africanas como seres voluptuosos em constante estado de excitação, sempre prontos para satisfazer os desejos de seus senhores. A violência da escravidão e das relações de gênero sequer são cogitadas na carta do poeta quando evoca a “sensualidade dócil de negras fáceis” – a única violência sugerida não emana daquele que subjuga, mas dos grupos subjugados, no caso, as “índias bravias”.

Por outro lado, Couto chamava a atenção para dois elementos que se mostrariam centrais nas obras clássicas de Freyre e Holanda: o patriarcalismo como “forma de governo” no mundo rural e a afetividade como “traço de caráter” dos brasileiros em decorrência da sociabilidade estabelecida prioritariamente na esfera privada da família – onde não apenas o poder político de fato era exercido, de maneira ilimitada e com mão-de-ferro, mas também onde as etnias se misturaram, produzindo o suposto Homem Cordial. Para Couto, no entanto, essa nova “espécie” cultural era

altamente positiva, uma vez que considerava ser nossa “civilização cordial [uma] contribuição da América para o mundo”. Em sua perspectiva, somos menos desconfiados, calculistas e arredios do que os europeus; somos amistosos, amorosos, generosos, calorosos; somos seres guiados prioritariamente pelo coração, essencialmente sociáveis. Somos o melhor produto da mistura de europeus com “bons selvagens”.

Em sua obra de 1936, *Raízes do Brasil*, Holanda parece seguir bem de perto alguns elementos desse esboço geral de Couto como plano de estudo,<sup>4</sup> inclusive a pressuposição de que os latino-americanos e, em especial, os brasileiros seriam tipos humanos cordiais. Não obstante, Holanda promoveria duas rupturas importantes; a primeira em relação ao escopo, que seria ampliado, e a segunda em relação ao significado do conceito, entendido agora como indicador de uma situação negativa – esse corte semântico e axiológico levaria à concepção de cordialidade que acabaria prevalecendo no debate acadêmico. Quanto ao escopo, Holanda observa que “seria engano supor que essas virtudes [do Homem Cordial] possam significar ‘boas maneiras’, civilidade”, pois do coração não brotam apenas sentimentos nobres e afetivos. Em outras palavras, o Homem Cordial, precisamente por ser movido pelo “coração”, está sujeito às emoções mais extremadas e de maneira impulsiva, irrefletida – e tais emoções podem ser tanto o doce gesto do afago como a amarga manifestação de fúria e rancor. A cordialidade manifestar-se-ia igualmente na hospitalidade demasiada calorosa em relação àquele que, por alguma razão, agrada-me e no ato de cruel violência contra quem, por qualquer motivo, desagrade-me. Não há aqui meio termo, ponderações racionais, respeito a regras formais de convivência, mas apenas uma emotividade bruta e irrefreável. Tudo depende das circunstâncias, da proximidade e do “estado de ânimo” do sujeito cordial. Por isso, ele é

---

<sup>4</sup> Especialmente os capítulos 3 e 5. Como se sabe, Holanda era admirador da poesia de Couto.

imprevisível. Intempestivo, pode ferir com a mesma mão que há pouco acariciou.

De certa forma, notamos isso nas entrelinhas da grande obra de Freyre, publicada um pouco antes, em 1933, quando ele descreve as relações sádicas e masoquistas forçosamente estabelecidas entre a “Casa-Grande” e a “Senzala”, cujo palco quase sempre é o espaço privado e despótico da Casa-Grande. Nele, a escrava é simultaneamente o objeto de desejo e de ódio, de amizade e de exploração, assim como de intensa intimidade que, concretamente, mascara o distanciamento estrutural e inamovível entre os atores envolvidos nessa contraditória dinâmica social. Os agregados do senhor gozam de sua proteção, desde que lhe prestem fidelidade incondicional, que subjuguem-se prontamente; mas se por acaso desviarem-se um centímetro do comportamento que deles se espera, poderão sentir, instantaneamente, o peso da ira avassaladora do patriarca. A esposa do senhor também sofre com sua ausência, sua rispidez, sua agressividade e até com o tédio de sua condição, e por isso busca algum consolo no colo e no cafuné de sua mucama. Mas essa intimidade física não impedirá que, por ciúme ou qualquer outra desavença mais grave, a senhora, em solto desatino, mande açoitar a mucama ou até ordenar que lhe arranquem os dentes.

De forma semelhante, e certamente menos vívida e lírica, Holanda também procura mostrar que a cordialidade envolve não apenas as manifestações de afabilidade, mas também de agressividade. O cordial não pensa antes de agir, apenas age; e age conforme “bombeia seu coração”, ao ritmo da dualidade fúria/benevolência. Assim, em consequência da ampliação do escopo do significado do conceito de cordialidade, Holanda promove uma segunda ruptura, agora axiológica, pois concebe-a como a resultante de uma forma de sociabilidade refratária aos valores e comportamento modernos – o sujeito cordial quebra protocolos, é avesso à formalidade, ao convencionalismo, ao cerimonial, às distâncias, às leis de

aplicação geral. Com isso, até naquilo que Couto via conotações positivas, Holanda verá implicações negativas, já que a afetividade será percebida como um dos obstáculos à modernização e ao desenvolvimento político do Brasil. Holanda, não obstante, é otimista, pois supunha que o avanço da industrialização talvez dissolvesse a base estrutural do tipo de sociabilidade que produzia o Homem Cordial – a sociedade rural patriarcal – e, desse modo, pudesse favorecer a suplantação do personalismo e do familismo em favor da cultura centrada no universalismo do indivíduo e na generalidade dos direitos do cidadão.

Em resumo, a reflexão de Holanda sobre o Homem Cordial atribui-lhe um escopo mais amplo e um significado negativo. É como se Holanda estivesse nos dizendo que, no Brasil, ocorreu a inusitada junção do “estado de natureza” com a sociedade civil, numa simbiose contraditória. A sociedade civil, com regras rígidas de aplicação universal, ficou apenas parcialmente constituída porque teríamos ficado presos à segunda etapa do desenvolvimento social que vai do “estado de natureza”, onde predomina o particularismo, ao Estado moderno, onde prevalece o universalismo. Essa etapa intermediária seria a do predomínio da família, sempre despótica e personalista. Não é à toa que o ensaísta inicia seu capítulo sobre o Homem Cordial com uma ligeira digressão sobre Antígona e Creonte, destacando, já no primeiro parágrafo, que “o Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo”. Portanto, continua, “não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição”.

Rejeitando o naturalismo aristotélico, que pressupunha uma linha de continuidade progressiva entre a família nuclear, o clã, a vila e a pólis, Holanda vincula-se ao convencionalismo dos contratualistas, para os quais o Estado consistia numa ruptura com a natureza por meio dos pactos de

associação e de submissão a uma soberania exterior e superior às pessoais e à família. Mas, “no Brasil,” segue o autor, “onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera da influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje”.<sup>5</sup> Nomeadamente, os efeitos de tal desequilíbrio manifestar-se-iam na persistente indistinção dos espaços públicos e privados. Afinal, “onde quer que prospere e assente em bases muito sólidas a ideia de família – e principalmente onde predomina a família do tipo patriarcal – tende a ser precária a luta contra fortes restrições à formação e evolução da sociedade”.

Oswald de Andrade seguiria caminho ligeiramente diferente do seguido por Sérgio Buarque de Holanda. Ao invés de se vincular ao contratualismo hobbesiano, que vislumbra de forma negativa a “natureza humana”, cujos sentimentos e motivações espontâneos seriam passionais, o poeta modernista prefere esposar o contratualismo rousseauiano, que concebe o “estado de natureza” um “paraíso perdido” depois do pecado original da instituição da propriedade e, com ela, a sociedade civil. Dessa forma, embora adira ao escopo ampliado do termo, como o fizera Holanda, acaba por destacar seus efeitos positivos na cultura do país. Oswald de Andrade via o Homem cordial como um Homem ainda primitivo, e, justamente por isso, vislumbrou-o com um olhar mais favorável e otimista.<sup>6</sup> Para ele, seguindo alguns estudos antropológicos,<sup>7</sup> a cordialidade era um

---

<sup>5</sup> Idem, pp. 153,156, 159.

<sup>6</sup> Oswald de Andrade tratou de forma direta do problema do Homem Cordial num pequeno texto apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, realizado em São Paulo, em 1959, intitulado “Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial”. Este texto foi incluído na coleção *Obras Completas de Oswald de Andrade: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, da editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970.

<sup>7</sup> Principalmente os de Robert Briffault, com destaque para sua obra clássica *The Mothers: A Study of the Origins of Sentiments and Institutions*, publicada em três volumes, em 1927. Nela o antropólogo social europeu estabeleceu o que veio ser conhecido como “a lei de Briffault”, sobre a primazia da fêmea na determinação das condições de formação da família animal.

traço das culturas dos povos indígenas e, como tal, cumpria o propósito de garantir a solidariedade do clã totêmico. É verdade que também ali a cordialidade consistia nessa díade de sentimentos afáveis/agressivos, resultando, algumas vezes, em dupla moralidade com importante função evolutiva. O amor aos próximos garantia a coesão; enquanto isso, a agressividade para com os outros mais distantes garantia a defesa e a preservação do grupo.<sup>8</sup> A racionalização crescente das sociedades civilizadas, por sua vez, poderia, obviamente, levar à observância das regras de aplicação geral, mas, uma vez que é centrada excessivamente no indivíduo, poderia promover o esgarçamento da solidariedade à medida que fizesse nascer o egoísmo, normalmente baseado na separação entre os interesses materiais e psicológicos de pessoas singulares e os de seu grupo social.

O escritor dá a entender, assim, que a cordialidade do primitivo é uma eficiente estratégia de sobrevivência da comunidade, uma vez que reforça os laços da família, do clã e da comunidade mais ampla. Consequentemente, a cordialidade não consistiria no predomínio da animalidade dos sentimentos puros em detrimento da razão, mas sim numa racionalidade própria, contextualizada e evolutiva. Em tais sociedades, não faz sentido falar em espaço público, uma vez que sequer faz sentido falar em espaço privado, na acepção que o mundo civilizado lhe atribuiu. Em 1928, quando redigiu seu Manifesto Antropofágico, Oswald de Andrade já dava claras demonstrações de simpatia por esse “estado de natureza” rousseaniano, especialmente ao ressaltar que “antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”. Numa tentativa de prolongamento dessa ideia até o campo psicológico, recorreu à teoria freudiana, fazendo menção repetidas vezes à obra *Totem e Tabu*, com a finalidade de expressar sua visão crítica em relação ao patriarcalismo,

---

<sup>8</sup> Curiosamente, esse é o argumento central das explicações evolucionárias da Biologia atual para o surgimento da moral, conforme difundido pelas obras de Richard Dawkins, especialmente em *The Selfish Gene*.

segundo a qual este era o responsável pelo tabu do incesto e, por extensão, pela propriedade privada, pela divisão da sociedade em classes e, pior, pela repressão dos desejos mais básicos dos seres humanos. O poeta se insurgia ali contra o patriarcalismo capitalista repressor, contra a moral cristã, castradora e responsável pelas neuroses; contra o Superego europeu, portanto. Em sua substituição, propunha a liberação dos instintos, associados aos sentimentos inocentes e sociáveis.

De maneira muito instigante, ao propor a “transfiguração do tabu em totem” e deleitar-se com a constatação de que “nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós”, Oswald de Andrade vê um naco de esperança para a civilização brasileira em seu projeto antropofágico. Para ele, os que aqui vieram para colonizar são uma “civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o jabuti”. Por isso, “nunca fomos catequizados”. Essa resistência à cultura repressora – o superego rígido europeu – não pela negação completa, mas por meio de sua deglutição talvez pudesse, ao fim e ao cabo, levar-nos ao idealizado “matriarcado de Pindorama – um matriarcado socialista utópico.”<sup>9</sup> Na verdade, conforme observado por Antônio Cândido,<sup>10</sup> uma espécie de anarquismo, onde os desejos e sentimentos livres dariam a tônica da sociabilidade. Curiosamente, apesar de se apropriar de conceitos e da análise freudiana a respeito dos princípios do prazer e de realidade, Oswald de Andrade contempla uma “solução” que os distancia, uma vez que Freud jamais cogitaria uma sociedade que desse livre vazão às pulsões. Oswald de Andrade aproxima-se, nesse caso, tanto da psicanálise anarquista de Otto Gros como do socialismo erótico fantasioso de Charles Fourier.

---

<sup>9</sup> Também aqui o poeta parece seguir a teoria de Briffault, que dá a entender que a sociedade civil começou a ser instituída com a propriedade privada, não das coisas, mas das mulheres. No “estado de natureza”, as sociedades eram matriarcais e próximas do comunismo; na sociedade civil, os homens adquirem a propriedade das mulheres e surgem os grupos patriarcais. A propriedade das coisas seriam uma decorrência da propriedade dos seres. A discussão freudiana acerca do tabu do incesto parte desse ambiente de propriedade exclusiva das mulheres pelo patriarca, o que teria levado à rebelião e ao parricídio. Não por menos, Freud seria um autor bastante citado por Oswald de Andrade.

<sup>10</sup> *Vários Escritos*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.

De qualquer modo, a antropofagia seria mais do que um projeto de radical mudança do ambiente cultural; seria uma psicoterapia coletiva para uma inversão na postura dos brasileiros diante do mundo. Nas palavras de Antônio Cândido,<sup>11</sup> tratar-se-ia do “desrecalque localista [e da] assimilação da vanguarda europeia”. Assim, “o que se dá”, conclui Oswald de Andrade no seu manifesto, “não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor”. Essa catarse antropofágica consistira acima de tudo na aceitação de nossas “raízes” primitivas, mais próximas da “natureza” e, assim, dos desejos puros; “raízes” que significavam antes de qualquer coisa que somos o produto de uma diversidade cultural rica e criativa, o resultado da miscigenação, em si uma forma de “antropofagia”.

Com efeito, no âmbito do movimento modernismo, “as nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades”.<sup>12</sup> O modernismo tinha como pretensão a superação do sentimento de inferioridade diante do Europeu, que se manifestava nas tentativas de cópias exatas de suas formas artísticas, sociais e até políticas – um tema explorado à exaustão até por um teórico conservador e autoritário como por Oliveira Vianna, extremamente crítico em relação ao desenho constitucional da Primeira República, considerado por ele como um modelo idealista. O modernismo e, dentro dele, a antropofagia, significava a afirmação da originalidade e do primado do afeto, numa postura que, apesar de localista, também era cosmopolita, na medida em que assimilava, em síntese, o outro. “O nosso modernismo”, observa Cândido, “importa essencialmente (...) na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos (...)”. Com isso, “(...) a aceitação – pode-se dizer até redenção – destas componentes recalcadas da nacionalidade (...) [faz com que] o primitivismo [seja] agora

---

<sup>11</sup> *Literatura e Sociedade*, Publifolha, São Paulo, p. 110.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 112.

fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura”.<sup>13</sup> De tal ponto de vista, a cordialidade brasileira poderia ser a garantia da solidariedade necessária à vida coletiva no contexto do individualismo moderno. Seria uma possível resistência à sociedade excessivamente burocratizada e racionalizada da modernidade europeia, sem sentimentos e conexões de sentido, conforme Max Weber previra com acentuado pessimismo.

Mário de Andrade também alinhou-se a essa perspectiva, considerando que a modernidade brasileira teria justamente que lidar com o passado e o futuro de modo a não simplesmente rejeitar as heranças culturais, mas sim afirmá-las. Inclusive, algumas dessas heranças levariam séculos para serem sintetizadas com os valores exóticos nesse longo processo de “deglutição”. Mais condescendente com as limitações da ainda jovem nação brasileira, ele retratou em sua famosa rapsódia uma versão do tipo cordial brasileiro, Macunaíma. Procurando discutir o que pra ele era uma constatação – que o brasileiro não tinha caráter –, inspirou-se, como se sabe, na obra de Theodor Koch-Grünberg para ressaltar que éramos um povo mais dado aos impulsos e ao hedonismo do que ao sacrifício disciplinador da moral civilizatória. Essa ausência de caráter, para Mário de Andrade, não refletia tanto uma inexistência de moralidade, mas sim uma conjunção de várias moralidades contraditórias, o que resultava numa entidade psíquica instável e em permanente mutação. Nações adultas, assim como seres humanos adultos, possuem uma entidade psíquica permanente; crianças e pré-adolescentes, não. Tratar-se-ia de um povo que não teria atingido a idade adulta; tratar-se-ia de um povo em formação, e, portanto, mais obediente ao ID – e por isso também mais livres – do que ao Superego, para usarmos termos freudianos também muito caros a Mário de Andrade.

---

<sup>13</sup> Literatura e Sociedade, pp. 110 e 111.

Retornando ao ponto de partida, é seguro afirmar que nos dias atuais há duas concepções de cordialidade em uso corrente. Os meios de comunicação e a população em geral empregam o termo no sentido restrito e positivo – consideram que cordial é aquele que tem unicamente bons sentimentos e que essa é uma característica positiva do povo brasileiro. Na academia, a concepção que se tornou hegemônica foi a delineada por Sérgio Buarque de Holanda, segundo a qual a cordialidade abrange sentimentos tanto de benevolência como de desprezo e fúria, corresponde a sentimentos de amor e de ódio, de hospitalidade e de fúria, de solidariedade e de violência. Corresponde também a um traço da cultura tradicional que se atualizou no Brasil moderno, sendo a responsável pela confusão entre público e privado, como na lógica do “você sabe com quem está falando”, discutida por Roberto DaMatta. Estas duas concepções estão em conflito, pois a cordialidade não pode ser uma característica negativa e positiva ao mesmo tempo.

Então, qualquer alusão a uma suposta cordialidade brasileira exige que se explicita a que tipo de Homem Cordial se faz referência. A cordialidade reivindicada para os brasileiros na Copa aderiu à concepção restrita, muito distante daquela difundida por Holanda. Hospitalidade e alegria de alguns brasileiros foram imediatamente identificadas com cordialidade, e uma cordialidade de toda a gente. Esse mito do brasileiro cordial como um tipo afetuoso, sem qualquer traço de violência e sempre hospitaleiro, desconsidera a cordialidade percebida por Holanda e, do mesmo modo, a cordialidade concebida por Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Estes últimos viam-na como positiva, mas admitiam sua dualidade de sentimentos; Holanda considerava-a negativa sempre, até no que se refere aos sentimentos afáveis.

Em minha perspectiva, visto de maneira restrita ou ampliada, de forma positiva ou negativa, a cordialidade é uma mitologia que criou o mito

da brasilidade de forma idealizada e simplista. Construiu-se a falsa ideia de que somente no Brasil existe o familismo, como se em diversos países da Europa e nos Estados Unidos não encontrássemos a predominância das famílias nos negócios, na política, no espaço público. Criou-se a falácia ainda aceita por muitos de que o patrimonialismo é um fenômeno somente brasileiro, quando ele é encontrado em diversos países de democracia mais antiga e de economias capitalistas mais consolidadas. Edificou-se a falsa imagem de que somente aqui há confusão entre público e privado e a recorrência ao discurso do “você sabe com quem está falando?”, no sentido da diferenciação hierárquica. Esse mito que supõe que há um “tipo brasileiro”, num país tão diverso e complexo, descarta até mesmo que a afetividade pode ser antes uma estratégia racional de baixo custo e elevados ganhos num contexto de elevados custos de transação do Estado burocrático. Ao invés de resquício do “estado de natureza” daquele que age com o coração, a afetividade pode ser muito mais um indicador do Homem Racional – do individualismo metodológico – do que do Homem Cordial.

Em grande parte, o mito do brasileiro cordial, seja na versão otimista dos poetas modernistas ou na versão pessimista do ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, acaba servindo para sedimentar uma ideologia de superioridade estrangeira, mesmo quando a intenção era evitá-la. A cordialidade pressupõe que somos inevitavelmente orientados pelo Eros e o Tãatos e, portanto, temos uma cultura pervertida que se torna praticamente impermeável à civilização. Por isso, nossas leis nunca serão plenamente obedecidas e nossa democracia jamais será realmente institucionalizada. Nossos partidos sempre serão instrumentos de clãs familiares, nossas mulheres, especialmente as mulatas, sempre serão cheias de volúpia e disponíveis, sempre seremos bons em fazer festas, mas péssimos em planejamento e organização. Tudo isso contribuiu e ainda contribui para a construção de preconceitos que reduzem o Brasil a um país do samba, do sexo e talvez ainda do futebol. Por que

ainda acreditamos nisso? Por que não percebemos que somos muito mais complexos e diversos? Por que não percebemos que todos os países têm diversos desses problemas e que, inclusive, em alguns deles também encontramos hospitalidade e calor humano? Será que nos fizeram – quem e por quê? – acreditar que somos inferiores em relação aos estrangeiros? Será que, embora não cordiais, padecemos do assim chamado “complexo de vira-latas”? Ou será este também outro mito?

### Referências

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: O Herói sem Nenhum Caráter*. São Paulo: Martins, [1928] 1978.
- ANDRADE, Oswald. Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial; In: *Obras Completas de Oswald de Andrade: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- BRIFFAULT, Robert. *The Mothers: A Study of the Origins of Sentiments and Institutions*. New York: The MacMillan Co, 1927.
- CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COUTO, Rui Ribeiro. *Carta a Alfonso Reyes*, Arquivos Pessoas de Autores Brasileiros, Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, 1931.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DATAFOLHA. Imagem dos estrangeiros sobre a Copa do Mundo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 de ago. 2014.
- DAWKINS, Richard. *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sobre o Regime da Economia Patriarcal*. São Paulo: Global Editora, [1933] 2003.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*; In: *Obras Completas*, Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, [1913] 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- WAAL, Frans de. *Our Inner Ape*. New York: Riverhead Books. 2005.